

TIPOLOGIA DE ABERTURAS DE NARRATIVAS: UM ESTUDO DE DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO

HANNA J. BATORÉO

(U. Aberta, Dept^o de Língua e Cultura Portuguesas)

INÊS DUARTE

(Fac. Letras da Universidade de Lisboa)

Narrar uma história de um modo coerente significa estabelecer um esquema narrativo que implica, primeiro, a introdução de uma estrutura apresentativa e, depois, de pelo menos um episódio narrativo. A abertura inicial, ou “setting” da história, tem carácter introdutório, apresentando um novo referente e localizando-o num enquadramento espaço-temporal. Aprender a contar uma história significa, por conseguinte, adquirir **competência narrativa**. Esta aquisição implica que a criança, inserida numa certa comunidade com determinadas características psicossociolinguísticas, vá aprendendo a diferenciar o uso da linguagem na construção autónoma do texto, atendendo à variação de meios linguísticos que lhe são disponibilizados pelo próprio sistema do seu idioma materno, tendo, simultaneamente, em consideração os factores de carácter cognitivo e social que determinam o processo da produção narrativa, tais como a idade do narrador, a classe sócio-profissional a que pertence, a identidade cultural do seu meio, etc.

Além das aberturas iniciais existem ao longo de uma narrativa várias outras aberturas cujo objectivo é a introdução de novos referentes em vários pontos da história. **O presente estudo tem por objectivo estudar aberturas em vários momentos narrativos**, entendendo que o seu estabelecimento constitui uma tarefa inicial indispensável na complexa construção que enfrenta qualquer falante ao planear uma narrativa.

No que diz respeito à **fundamentação linguística** deste estudo, defende-se que, ao introduzirem referentes novos, as aberturas sejam frases de carácter

apresentativo, ou seja, frases existenciais, locativas ou não-estativas com verbos inacusativos e inergativos de movimento. Espera-se, também, que a ordem de palavras das frases apresentativas em Português Europeu, uma língua de sujeito nulo e ordem canónica SVO, seja do tipo (X)VS(Y), isto é, com o sujeito que denota o referente novo em posição pós-verbal (tecnicamente, numa posição em que é assimetricamente c-comandado pelo verbo).

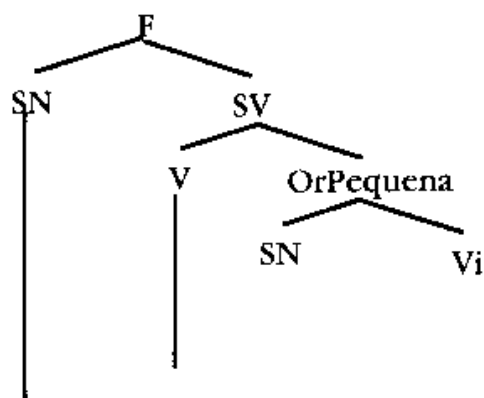
Estudos semânticos clássicos sublinharam a convergência na expressão da posse e da existência (vejam-se, por exemplo, Anderson, 1971 e Lyons, 1977), posição que, nos últimos anos, tem sido explicitamente defendida, por exemplo, na área da semântica cognitiva (Wierzbicka, 1996, 1998). Dentro deste enquadramento teórico propõe-se um conjunto de primitivos conceptuais, um dos quais é precisamente o de Existência e Posse. A este primitivo conceptual correspondem dois universais lexicais THERE IS e HAVE, que, por sua vez, se traduzem por quatro verbos portugueses: *ser*, *estar*, *haver* e *ter*. É de notar que as construções existenciais nas narrativas produzidas no Português Europeu se formam, principalmente, com base nos três primeiros destes verbos, enquanto o verbo *ter* é responsável pelas construções existenciais mais frequentes no Português do Brasil (Cf. Batoréo e Duarte, 1998).

Igualmente, as análises sintácticas apontam para as aproximações entre vários tipos de existenciais, assim como entre existenciais e locativas:

"Many languages exhibit phenomena in sentences with **location denoting expressions**, as well as in **existentials**. There is a clear relation between these two, as claiming that an entity is at a certain location implies a claim that an entity exists. Small wonder, therefore, that **many languages introduce existential sentences with an adverb that is essentially a location denoting adverb**, like English *there*. It seems plausible that if a rather unspecific locational adverb is used in a locational sentence, the implication of existence interpretively takes precedence over the claim of location. Similarly, location and possession are two closely related notions (cf. *France has mountains in the east* and *In the east of France are mountains*), so that it should also not surprise us to find **existential sentences featuring a verbal expression that essentially denotes possession**, like Chinese *you*, French *il y a*, Spanish *hay*. Again, if the claim of possession is not foregrounded, the implication of existence may interpretively take precedence." (Hoekstra e Mulder, 1990:1). As análises sintácticas efectuadas podem levar-nos às seguintes conclusões:

- (i) As existenciais com BE (a que no Português Europeu corresponde o verbo *ser*) são frases copulativas invertidas (Hoekstra & Mulder 1990; Moro 1997):

TIPOLOGIA DE ABERTURAS DE NARRATIVAS



(Ing.)	<i>there_t</i>	<i>is</i>
(Alem.)	<i>es_t</i>	<i>gibt</i>
(Fr.)	<i>il</i>	<i>y_t a</i>
(Ital.)	<i>pro</i>	<i>c_t'è</i>
(PE)	<i>pro_t</i>	<i>é</i>

(ii) Existe aproximação entre as existenciais com BE (→ *ser*) e as existenciais com HAVE (→ *haver, ter*), podendo ser formuladas duas hipóteses:

(ii a) Hipótese 1: o verbo existencial de posse (no Português Europeu, verbo *haver*) é concebido como uma instância do copulativo (no Português Europeu, verbo *ser*) com uma preposição abstracta incorporada (cf. Kayne 1993, Hale & Keyser 1993, Rigau 1996). De acordo com esta hipótese, para Hale & Keyser (1993), a estrutura lexical relacional de *haver* pode ser representada de seguinte modo: [SV [V *ser*] [SPREP LOC [PREP' [PREP -] SN]]].

(ii b) Hipótese 2: como o existencial *ser*, o existencial de posse é um verbo copulativo, mas o núcleo funcional responsável pela verificação de Caso Acusativo, que não está presente nas frases com *ser*, é inserido e projectado nas frases com *haver* (cf. Moro, 1997). Veja-se, assim, o contraste entre (1) e (2):

- (1) **Eram cavalos e eram-nos em muita quantidade.*
 (2) *Havia cavalos e havia-os em muita quantidade.*

(iii) Existe aproximação entre existenciais e locativas: as locativas são consideradas frases copulativas canónicas (ordem SN V Loc) ou invertidas (ordem V SN Loc ou Loc V SN, ou seja, inversão locativa) (cf., por exemplo, Moro 1997). Considerem-se, por conseguinte, os exemplos (3) (4) e (5):

- (3) *Um cavalo estava num prado.*

- (4) *Estava um cavalo num prado.*
 (5) *Num prado estava um cavalo.*

(iv) A análise das existenciais e das locativas como frases copulativas estende-se a frases com inacusativos (p. ex., *aparecer, chegar, vir*) e verbos inergativos de movimento (p. ex., *andar, correr, passear, saltar*) (cf., por exemplo, Hoekstra & Mulder 1990, Moro 1997). Observem-se os seguintes exemplos:

- (6) *O passarinho chegou.*
 (7) *Chegou um passarinho.*
 (8) *Um cavalo corria num prado.*
 (9) *Corria um cavalo num prado.*

Além da motivação de carácter sintáctico-semântico, o presente estudo encontra também um forte estímulo em investigação linguística de carácter experimental, sobretudo na área de psicolinguística. No que diz respeito ao desenvolvimento da competência narrativa no âmbito da aquisição do Português Europeu como língua materna, apresentámos (Batoréo, 1996) uma análise de 120 narrativas provocadas, efectuadas por sessenta falantes nativos: trinta adultos e trinta crianças de três faixas etárias (cinco, sete e dez anos). Verificou-se que, para o estudo em causa, eram pertinentes quatro variáveis: (i) as características particulares da língua em análise, (ii) a idade do narrador, (iii) o tipo de história, assim como (iv) a apresentação dos protagonistas focados em cada uma das histórias contadas (consultem-se as imagens apresentadas em Anexo utilizadas como estímulos visuais na obtenção das narrativas).

A partir do *corpus* das 120 narrativas (Batoréo, 1996) foi delimitado um *corpus* linguístico das 332 aberturas de narrativas, metade de adultos e metade de crianças. Observem-se, seguidamente, os exemplos das aberturas de narrativas ocorridas no *subcorpus* adulto:

Exemplos das aberturas dos adultos:

- **Era uma vez** um passarinho que estava em cima do seu ninho.
- **Era uma vez** um cavalo que andava a galopar.
- **Há** um cavalo que está a correr num prado.
- **Havia** um cavalinho que corria alegremente pelos prados.
- Do outro lado da sebe **havia** uma vaca.
- **Estava** um pássaro em cima numa árvore no ninho com os filhos.
- Em cima da cerca **está** um pássaro.
- **Andava** um cavalo a correr velozmente em prados verdejantes ...
- Num campo um cavalo **andava a pastar**.
- **Vem** um cavalo a passear num prado verdejante.

- Um cavalo **corre** nos campos.
- **Andava** o cavalo **a correr** por umas colinas ...
- Ao seu lado **vivia** um touro que tinha também uma cerca como casa.
- Um dia um jovem cavalo, quase ainda um potro, **ia a correr** por uma pradaria.
- **Aproxima-se** um gato.
- De repente **chegou** um gato.
- Entretanto **aparece** um cão.
- E do lado de lá **viu** um touro.
- **Encontra** um boi.
- O boi **chamou** um passarinho.

A análise dos exemplos acima apresentados mostra, claramente, que se podem distinguir três grandes grupos de construções nas aberturas de narrativas: as construções existenciais (introduzidas por '*era uma vez*' ou pelo verbo '*baver*'), as construções locativas (introduzidas por '*estar*') e as construções não-estativas, introduzidas por verbos de entrada em cena (*aparecer, aproximar-se, chegar, ir, surgir, vir*), verbos inergativos de movimento (*andar, correr, passear, galopar, saltar, subir*), verbos de encontro físico (*encontrar*) ou perceptual (*ver, olhar, avistar*) e outros (*chamar, ajudar, etc.*). A análise do *subcorpus* infantil mostra que, desde cedo, as crianças utilizam o mesmo tipo de construções, embora com características específicas diferentes das dos adultos (ver a análise apresentada mais adiante). Para ilustrar este fenómeno, comparem-se os seguintes exemplos, agrupados pelas faixas etárias em que foram produzidos (cinco, sete e dez anos):

Exemplos das aberturas aos 5 anos:

- **Havia** um cavalo a galopar
- Mesmo ao lado dele **havia** uma vaca
- **Era uma vez** um pato que estava no ninho numa árvore
- **Era uma vez** um cavalo a correr a correr a correr.
- **Está** um passarinho no ninho
- **E estava** um cão à espera dele
- **Estava** um passarinho lá
- Um passarinho **estava** no ninho com os filhinhos dele
- **Aqui é** um passarinho com filhotes
- **Aqui é** um ninho com passarinhos.
- **Aqui é** um gato
- **E só está** o gato
- O passarinho **estava** no ninho em cima de uma árvore
- **Aqui é** a mãe-passarinho ou o pai-passarinho

- **Aqui é o cão a puxar o gato**
- **Aqui é o cavalo a querer saltar para aqui**
- **Veio um gato ao pé**
- **Encontrou um gato**
- **E viu um boi**
- **O gato chegou**
- **Chegou o cão**
- **Chegou o passarinho com a mala de médico**
- **E o cão está a ver**
- **Este [deíctico] está a ver a vaca**
- **O passarinho estava a olhar do ninho**
- **O cavalo estava a correr sempre, sempre, sempre**
- **Aqui o gato está a tentar subir a árvore**
- **O passarinho voou**
- **O gato quer comer o passarinho**
- **O passarinho trouxe uma mala para tratar as feridas**
- **E vai o pássaro com uma mala**
- **E aqui está a ir atrás da vaca**

Exemplos das aberturas aos 7 anos

- **Era uma vez um passarinho que tinha posto ovinhos**
- **Era uma vez um passarinho que estava dentro de um ninho**
- **Era uma vez um cavalinho que estava preso no campo numa quinta**
- **Era um passarinho que estava no seu ninho a tomar conta dos seus filhos**
- **Era um cavalo que ia a correr**
- **É um cavalo que está a correr**
- **Havia um gato a olhar para cima a ver o ninho**
- **Há um passarinho que está no ninho**
- **Houve um cão que apareceu e puxou-lhe o rabo**
- **Uma vaca ou boi (não sei bem) estava do outro lado da cerca**
- **E depois estava do outro lado da cerca**
- **Porque o gato está aqui**
- **Apareceu um gato que começou a olhar para cima**
- **Um cão apareceu e mordeu-lhe a cauda**
- **E depois apareceu um gato**
- **Aqui veio um passarinho e uma andorinha com uma mala de hospital**
- **Estava um gato lá em baixo a ver os passarinhos bebés**
- **E um cão estava a ver**
- **E estava lá um passarinho a ver**
- **Viu um boi**

TIPOLOGIA DE ABERTURAS DE NARRATIVAS

- E depois um gato **olhou** para os filhotes
- Um dia um cavalo **andava a correr** pela relva
- Um passarinho **voltou**
- E depois **encontrou** um touro
- Pára para **ver** o boi
- **O cão estava a ver**
- Porque **viu** o cão
- **Ficou a olhar** para a vaca
- E o gato **olhou** para cima
- **O cavalo está a galopar** aqui
- **O cavalo está a correr**
- **O cavalo que ia a passear** viu um boi

Exemplos das aberturas aos 10 anos

- **Era uma vez** um passarinho que vivia no cimo de uma árvore e tinha tido crias
- **Era** um pássaro que estava lá muito bem no seu ninho
- **Era** um cavalo que andava a brincar
- **Era** uma vaca do outro lado da cerca a pastar.
- **É** uma vez um pintainho que estava no seu ninho com os seus pintos.
- Um passarinho **estava** em cima de uma árvore no seu ninho
- **Cá em baixo estava** um gato
- **Estava** um passarinho em cima de uma árvore
- De um lado de umas tábuas **estava** uma vaca
- E depois **apareceu** um gato
- **Apareceu** um gato
- **Chegou** um gato
- Logo uma ave muito esperta que sabia de tudo **chegou e ...**
- E também **chega** um cão
- **Chega** lá um gato
- Depois **vem** um cão
- **Veio** um pássaro com uma caixa de enfermagem
- **Foi** um pássaro com uma caixa de primeiros socorros
- E um pombo que estava a ver o que se estava a passar **foi buscar** uma caixa de primeiros socorros
- E uma vaca que estava do outro lado e uma andorinha **ajudaram** a ser tratado.
- **Foi pedir** a um pássaro que trouxesse a caixinha de emergência
- Um cavalo **estava a dar** um passeio
- E um gato **estava a ver** o que se passava
- E **viu** um boi

- E encontrou uma vaca que estava do outro lado da cerca
- Chegou o cão
- Quando chegou o cão, ...
- Depois veio o cão e...
- O pombinho veio com a malinha
- Depois a vaca e o passarinho vieram.
- O gato, quando viu a galinha a voar para ir buscar comida, começou a olhar para as crias
- E o cão no momento vê-o

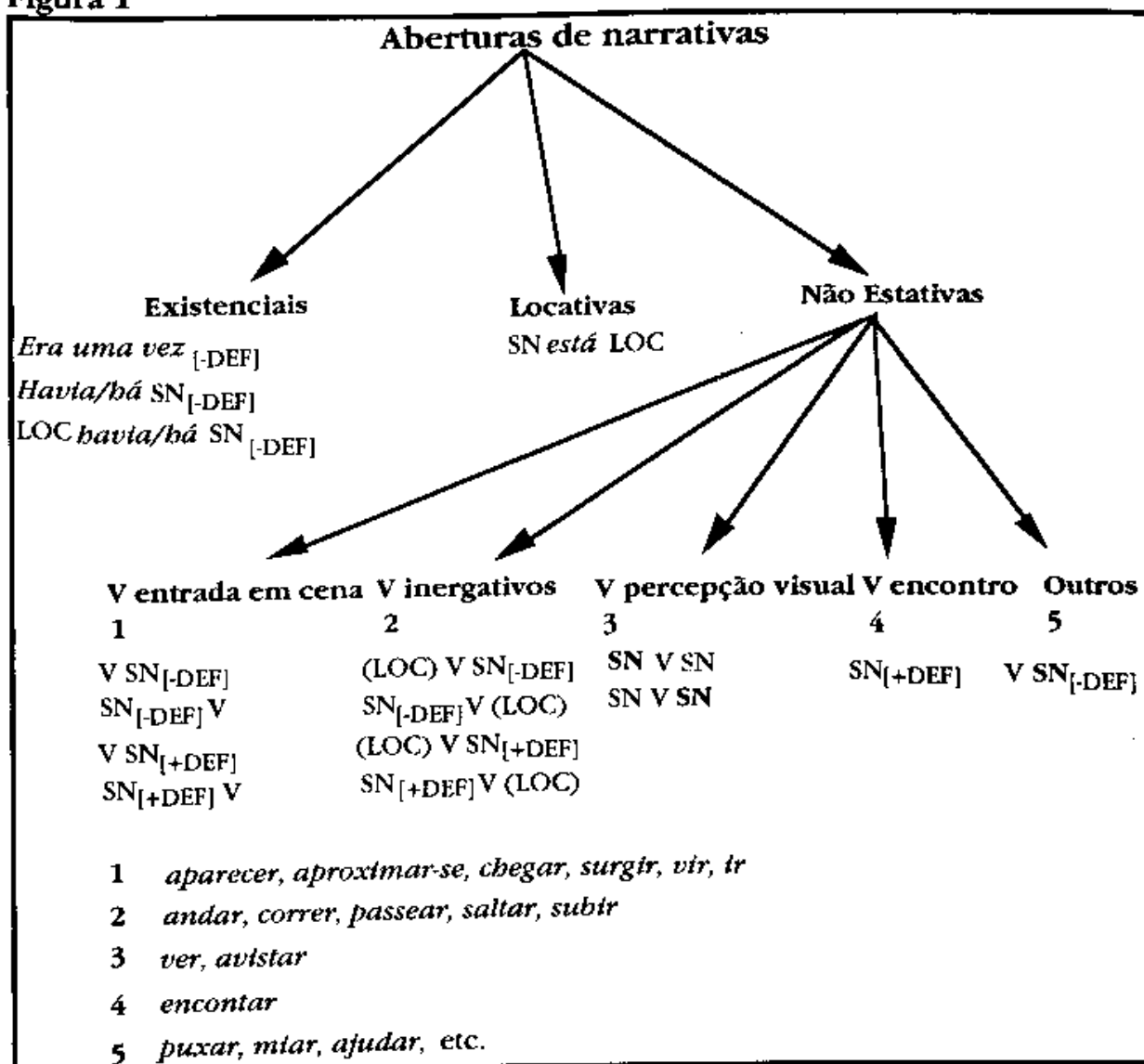
Com base no *corpus* das aberturas constituído propõe-se, na Figura 1, uma tipologia das construções nelas ocorrentes.

Das 332 aberturas narrativas estudadas, metade constituíram as aberturas do *corpus* adulto (167) e a outra metade as do *corpus* infantil (165), sendo este representado equitativamente por cada uma das faixas etárias estudadas:

5 anos	-	56 aberturas narrativas (16, 87% do total)
7 anos	-	55 aberturas narrativas (16, 57% do total)
10 anos	-	54 aberturas narrativas (16, 27% do total).

Todos os falantes, independentemente da faixa etária, mostraram uma clara predilecção pelas aberturas não-estativas, seguindo-se-lhes as aberturas existenciais e, depois, as locativas. De entre o total das 332 aberturas narrativas, 190 (ou seja, 57,23%) foram de carácter não-estativo, 79 existenciais (23,8 %) e 63 locativas (18,98%), embora as percentagens de preferência em cada uma das faixas etárias variem substancialmente. Assim, os adultos preferem as aberturas não-estativas (92) às existenciais (40) e às locativas (35). As crianças dos 5 anos preferem igualmente as não-estativas (30) às locativas (19) e às existenciais (7), enquanto as mais velhas optam por uma ordem de preferência: não-estativas > existenciais > locativas. Assim, as de 7 anos preferem as não-estativas (35) às existenciais (16) e às locativas (4), mantendo-se quase o mesmo quadro para as de 10 anos: 33 não-estativas, contra 16 existenciais e 5 locativas.

Figura 1



Tendo em consideração a variável idade, pode concluir-se que todo o repertório de construções de aberturas narrativas está disponível aos 5 anos, embora a especialização semântico-discursiva das mesmas não esteja ainda totalmente adquirida. Contudo, aos 5 anos, tanto o esquema estrutural, como a especialização semântico-discursiva de algumas construções estão já adquiridos: é o que acontece com as frases existenciais (que ocorrem invariavelmente como copulativas invertidas com um SN [-DEF]) e com as frases locativas com *estar* (que ocorrem como copulativas ora canônicas ora invertidas).

Como esperado, no processo de desenvolvimento da Gramática atingida aos 5 anos até à Gramática-alvo, as mudanças não ocorrem simultaneamente, nem de modo linearmente previsível. Os dados mostram que, relativamente à Gramática-alvo, o desenvolvimento se processa por sucessivas reestruturações,

como se de fases de "avanço e recuo" se tratasse. Verifica-se que os jovens falantes: (i) ora testam a utilização de estruturas permitidas pela Gramática em contextos que a Gramática-alvo não permite, (ii) ora restringem o uso de outras, contrariamente ao que a Gramática-alvo determina e eles próprios utilizavam em estádios anteriores de desenvolvimento.

Verifica-se, por conseguinte, que o processo de desenvolvimento observado pode sintetizar-se em função da tipologia proposta, por um lado, e em função do estádio do desenvolvimento em que o narrador se encontra, por outro. Assim, **segundo o tipo de construção utilizada** podemos observar que:

- (i) Independentemente da faixa etária, em todas as **construções existenciais** — que constituem quase um quarto de todas as aberturas narrativas — ocorrem apenas expressões indefinidas;
 - (ii) No grupo das **locativas** e das **não-estativas** ocorrem tanto expressões definidas como indefinidas, surgindo as primeiras em número cada vez mais limitado no processo da aquisição para ocorrer, no grupo adulto, apenas em 10% das aberturas locativas e em 25% das aberturas não estativas;
 - (iii) No grupo das **não-estativas**, as crianças de 5 anos preferem claramente os verbos de movimento (40% das ocorrências nesta faixa etária). As crianças de 7 anos dão preferência aos verbos de percepção visual (igualmente 40%), enquanto as crianças de 10 anos apresentam já tendências adultas ao privilegiar os verbos inacusativos de entrada em cena (mais de 50% de todas as ocorrências das aberturas não-estativas nesta faixa etária). Embora esta tendência se mantenha nos adultos, as percentagens alteram-se, surgindo quase 40% de aberturas com verbos inacusativos de entrada em cena, 26% com verbos de percepção visual, 12% com verbos de movimento, 3% com verbos de encontro físico e cerca de 18% com outros verbos.
- Se a observação for efectuada **segundo a variável idade**, conclui-se que:

- (i) Aos 5 anos, verifica-se o processo de perda da deixis, i.e., o processo de um progressivo domínio da narrativa como modo linguístico não ancorado no *eu-aqui-agora* do discurso. Repare-se que em ainda mais de metade dos enunciados surge a construção semi-deíctica tanto indefinida como definida do tipo *aqui é SN* como em: *Aqui é um ninho com passarinhos* ou *Aqui é o cão a querer puxar o gato*;
- (ii) Aos 7 anos, constata-se o domínio da correlação entre introdução de um referente novo e utilização de sintagmas nominais indefinidos, tal como a testagem (limitada, em apenas

2,5 por cento de ocorrências) de construções existenciais com verbos pessoais de posse (*ter*);

- (iii) **Aos 10 anos**, observa-se a restrição das construções existenciais do tipo *era uma vez* às construções com o verbo *ser* => *era uma vez* SN/ *era* SN (quase dois terços de todas as ocorrências dos 10 anos), assim como a surpreendente total ausência das expressões com o verbo *haver*, ocorrentes em todas as outras faixas etárias.

Em função da análise efectuada, chegamos às seguintes conclusões:

1. Todo o repertório de construções está disponível aos 5 anos, embora a especialização semântico-discursiva das mesmas não esteja ainda totalmente adquirida;
2. Contudo, aos 5 anos, tanto o esquema estrutural, como a especialização semântico-discursiva de algumas construções estão já adquiridos, tal como se verifica em:
 - Frases existenciais (copulativas invertidas com um SN [-DEF])
 - Frases locativas com *estar* (copulativas canónicas e invertidas);
3. Como esperado, no processo de desenvolvimento da Gramática atingida aos 5 anos até à Gramática alvo, as mudanças não ocorrem simultaneamente. Os dados mostram que, relativamente à Gramática alvo, o desenvolvimento se processa com fases de sucessivas reestruturações. Os jovens falantes:
 - ora testam a utilização de estruturas permitidas pela Gramática em contextos que a Gramática alvo não permite
 - ora restringem o uso de outras, contrariamente ao que a Gramática alvo permite e eles próprios utilizavam em estádios anteriores de desenvolvimento.
4. O processo de desenvolvimento observado pode sintetizar-se do seguinte modo:

Aos 5 anos:

 - processo de **perda da deixis**, i.e., processo de um progressivo domínio da narrativa como modo linguístico não ancorado no *eu-aquí-agora* do discurso;

Aos 7 anos:

 - domínio da correlação entre **introdução de um referente novo e utilização de SN's não definidos**;
 - **testagem de construções existenciais com verbos pessoais de posse** (*ter*);

Aos 10 anos:

- restrição das construções existenciais do tipo *era uma vez às construções com o verbo ser => era uma vez SN/ era SN.*

Bibliografia

- ANDERSON, J. M. (1971). *The Grammar of Case: Towards a Localistic Theory*, London: Cambridge University Press.
- BATORÉO, H. J. (1996). *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996, no prelo na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.
- BATORÉO, H. J. (1998). "Language Typology and Semantic Primitive of Space: Evidence from European Portuguese", a publicar nas *Actas do Primeiro Encontro de Linguística Cognitiva*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 29-30 Maio, 1998.
- BATORÉO, H. J. e I. DUARTE (1998). "Para a Caracterização da Língua-Alvo no Ensino de Português como Língua Estrangeira: Competência Narrativa e Aberturas de Narrativas", a publicar nas *Actas do V Congresso Internacional para o Ensino de Português como Língua Estrangeira*, Cidade do México, 27 de Outubro, 1998.
- BATORÉO, H. J. e I. H. FARIA (a publicar). "Representation of Movement in European Portuguese". In *Child Language*, 10, Lawrence Erlbaum Associates.
- DUARTE, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1987.
- DUARTE, I. (1997). "Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva". In Brito, Oliveira, Pires de Lima e Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 1997.
- FERNÁNDEZ SORIANO, O. (1998). "On Impersonal Sentences in Spanish: Locative and Dative Subjects". In *Cadernos de Lingüística del I. U. Ortega y Gasset*, 5, 43-68.
- HALE & KEYSER (1993). *On The Complex Nature of Simple Predicators*. MIT: MS.
- HOEKSTRA, T. & R. MULDER (1990). "Unergatives as copular verbs: locational and existential predication". In *The Linguistic Review*, 7, 1-79.
- HOGUE, K. (1996). "Yiddish Existential sentences: neither? Here not there?". In Cambier-Vandeveldt, T. et al. (eds.) (1996) *Console V Proceedings*, 123-137.
- KAYNE (1993) "Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection". In *Studia Linguistica*, 47, 3-31.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT HOVAV (1995). *Unaccusativity. At the Syntax - Lexical Semantics Interface*, Cambridge, Mass. MIT Press.
- LYONS, J. (1977). *Semantics*, Vol I & II. Cambridge, C.U.P.
- MILSARK, G. (1974). *Existential Sentences in English*, MIT, Ph. D. Dissertation.

TIPOLOGIA DE ABERTURAS DE NARRATIVAS

- MORO, A. (1997). *The Raising of Predicates*, The Cambridge University Press.
- RIGAU, G. (1996). *Existential Sentences and Related Constructions in Catalan*, comunicação apresentada no LSRL XXVI, México. UAB: Ms.
- WIERZBICKA, A. (1996). *Semantics: Primes and Universals*, Oxford, New York, Oxford University Press.
- WIERZBICKA, A. (1998). *Anchoring Linguistic Typology in Universal Semantic Primes*, ms.
- WILLIAMS, E. (1994). *Thematic Structure in Syntax*, Cambridge Mass. The MIT Press.